



INFÂNCIA DOS HOMENS

CHILDHOOD OF MEN

Elizabeth Maria Fleury-Teixeira¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2433-1459>

Submissão: 19/02/2024

Aprovação: 18/03/2024

RESUMO:

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa realizada entre 2018 e 2020 no Brasil (em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais). Trata-se de uma análise das formas de socialização primária (infância) à qual foram submetidos os homens autores de violência contra a mulher, condenados pela Lei Federal 11.340/2006. Um dos objetivos do estudo foi localizar padrões referentes às práticas baseadas em crenças e costumes, valores morais em que esses homens, autores de violência íntima contra a mulher, foram socializados. Punidos pela lei brasileira, eles foram localizados em 2019 em grupos reflexivos aos quais foram encaminhados pela justiça. A expressiva rejeição a qualquer traço de comportamento que remeta à feminilidade é um dos fenômenos encontrados por este estudo no período da infância, revelando padrões de masculinidade com tendências misóginas entre os homens punidos pela Lei Maria da Penha. Reforçando estudos existentes, padrões de comportamento que sugiram a ideia de submissão e docilidade, incentivadas nas meninas, foram francamente rejeitadas pelos entrevistados. Neste estudo, foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos para reconstruir a memória dos perpetradores de violência contra a mulher e posterior análise dos dados gerados na pesquisa.

¹ Pesquisadora da Fiocruz Minas, pós-graduada em Ciência Política, Mestre e Doutora em Sociologia. Publicou pela Editora Fiocruz, em 2015, o “Dicionário Feminino da Infâmia – acolhimento e diagnóstico de Mulheres em Situação de Violência”, do qual foi coordenadora junto com Stela Meneghel. E-mail: elizabeth.fleury@fiocruz.br
- Ark:/80372/2596/v13/013

PALAVRAS-CHAVE: Homens Autores de Violência. Padrões de Masculinidade. Socialização Primária.

ABSTRACT:

This article presents part of the results of a survey carried out between 2018 and 2020 in Brazil (in Belo Horizonte, capital of Minas Gerais). This is an analysis of the forms of primary socialization (childhood) to which men who committed violence against women, convicted under Federal Law 11,340/2006, were subjected. One of the objectives of the study was to locate patterns relating to practices based on beliefs and customs, moral values in which these men, perpetrators of intimate violence against women, were socialized. Punished by Brazilian law, they were located in 2019 in reflective groups to which they were referred by the courts. The expressive rejection of any behavioral trait that refers to femininity is one of the phenomena found by this study in the childhood period, revealing patterns of masculinity with misogynistic tendencies among men punished by the Maria da Penha Law. Reinforcing existing studies, patterns of behavior that suggest the idea of submissiveness and docility, encouraged in girls, were frankly rejected by those interviewed. In this study, qualitative and quantitative methods were used to reconstruct the memory of perpetrators of violence against women and subsequent analysis of the data generated in the research.

KEYWORDS: Male Perpetrators of Violence. Standards of Masculinity. Primary Socialization.

1. INTRODUÇÃO

O que se pretende nesse artigo é apresentar e analisar dados baseados nas memórias, nas lembranças de infância dos integrantes da amostra desta pesquisa e que responderam ao *survey* proposto. Ao fim desta análise, espera-se encontrar algumas respostas para as indagações feitas a respeito dos processos de socialização primária aos quais estes agentes foram submetidos – processos no interior dos quais foi construída parte importante da estruturação de comportamentos com base em normas, valores e crenças.

Nesta pesquisa, partimos do princípio de que, por meio do levantamento das lembranças da infância e reconstituição das memórias a respeito do processo de socialização vivido, poderemos ter acesso a algumas características das disposições estruturadas em

homens autores de violência punidos pela Lei Maria da Penha em Belo Horizonte. No campo da memória social, temos como referência o pensamento de Halbwachs (1990), para quem a memória individual é uma visão acerca da memória coletiva. Esse teórico defendia que as lembranças ficam guardadas numa espécie de arquivo virtual que, sendo estimulado e/ou pressionado de variadas formas, faz com que memórias emerjam. Observava também que é necessário distinguir entre “*a realidade passada e a consciência presente da realidade passada*”. Em sua interpretação, “*não é o passado que é reconstruído a partir do presente e sim a consciência do passado*”.

Isso requer uma breve consideração sobre a educação oferecida no interior das famílias, e ainda sobre teorias e processos que levam em conta a construção dos *habitus* (*sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação* - conf. BOURDIEU, 2007), como queria Bourdieu em sua extensa obra, e/ou do processo de socialização em sua dimensão sociológica e psicológica, como interpretou Norbert Elias em *O Processo civilizador* (ELIAS, 1994b).

O processo civilizador emerge da mútua interação entre as transformações sociais provocadas por *sociogênese* e por *psicogênese* nos diz Elias (1994b). Para ele, indivíduo e sociedade não existem de forma isolada, mas sim relacionalmente: toda e qualquer modificação que ocorrer na estrutura de personalidade do indivíduo acarreta transformações na estrutura social – “*processo denominado por Elias de psicogênese; toda e qualquer modificação na estrutura social acarreta transformações na estrutura de personalidade – processo denominado de sociogênese*” (HEINICH, 2001, p.11-37).

Para efeito de discussão da educação/socialização das crianças, consideramos também os conceitos de “*socialização primária*” e “*socialização secundária*”, tais como discutidos por Berger e Luckmann (1966/2001). Esses autores postulavam que “*estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade* (p. 173)”. Faziam a ressalva, porém, de que “*o indivíduo não nasce membro da sociedade*”, e sim, com “*predisposição para a sociabilidade*”, o que implica que os processos de socialização seriam, objetivamente, condição para que se torne membro da sociedade. Em outras palavras, defendiam que o indivíduo, mediante a experiência de uma sequência temporal, “*é induzido a tomar parte*” nessa dialética. O ponto inicial deste processo “*é a interiorização, a saber, a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim*” (conf. Berger e Luckmann, 2001:174).

2. METODOLOGIA

Tendo em vista que a pesquisa analisa um objeto pouco discutido na literatura nacional – o tipo de socialização vivida na infância e juventude por homens punidos pela Lei Maria da Penha *vis-à-vis* a dinâmica de mudanças de costumes e o incremento nas taxas de violência –, o estudo foi desenhado tendo em vista dois momentos distintos: a) numa abordagem exploratória, realizando a observação sociológica de grupos reflexivos (homens punidos pela Lei 11.340 de 2006 são conduzidos a esses grupos por força do sistema de justiça); b) criação e aplicação de um instrumento de pesquisa (questionários) para, ao lado de reconstituir as experiências de socialização vividas pelos entrevistados, ao mesmo tempo aprofundar a discussão de tendências, costumes, visões de mundo observadas na etapa I. Em suma, registros realizados no tempo presente foram aprofundados na etapa II, usando-se como recurso a memória social da amostra, buscada num tempo passado.

Portanto, decidiu-se unir dois caminhos metodológicos, conforme descrito em Newman & Benz (1998) e em Goodwin & Horowitz (2002), articulando os métodos qualitativo e quantitativo, de forma a: (i) proceder à *observação sociológica (método qualitativo)*, de grupos reflexivos no Instituto Albam, em Belo Horizonte – entre março de 2018 e março de 2019 foram 48 semanas de observação; (ii) realizar a coleta de dados, com o resgate de memórias dos respondentes sobre socialização vivida na infância e juventude; ao mesmo tempo obter dados socioeconômicos, tipificação dos casos de violência, e ainda aprofundar o debate em temas recorrentes vistos nos grupos durante a observação; (iii) proceder à criação do banco de dados, realizar a análise estatística e proceder à análise e interpretação dos dados quantitativos colhidos.

A segunda etapa foi destinada a construir, testar e aplicar os dois questionários (sobre infância e juventude). A coleta de dados compreendeu três fases: (i) construção do instrumento de pesquisa (*método quantitativo e enfoque qualitativo nas perguntas/sugestões de respostas*): dois questionários estruturados, um sobre a infância e outro sobre juventude desses homens; (ii) teste do *survey*, com aplicação a 20 entrevistados e revisão dos questionários; (iii) aplicação do *survey* junto aos respondentes nos dois organismos credenciados pelo sistema de justiça em Belo Horizonte: Instituto Albam e Programa Dialogar, da Polícia Civil do Estado de Minas Gerais. Vale lembrar, com Halbwachs (1990), que as memórias individuais são *um ponto de vista a respeito da memória coletiva*. Foi essa

releitura do passado proposta aos participantes do *survey* que tornou possível criar e montar um banco de dados. Após isso, foi feita a análise propriamente dita do material obtido pela pesquisa.

Os dados obtidos por esta pesquisa resultaram da aplicação de dois questionários (s/infância e s/juventude) a 30% dos frequentadores desses grupos reflexivos em funcionamento em Belo Horizonte no ano de 2019. Isto significou a aplicação de 137 questionários relativos à infância e 137 questionários sobre juventude (aplicados de maio de 2019 a fevereiro de 2020). Durante aquele ano, em Belo Horizonte (MG), 456 homens autores de violência, punidos pela Lei Maria da Penha, foram encaminhados pelo sistema de justiça para cumprir parte de sua pena alternativa em grupos de reflexão existentes nos dois citados programas de atendimento na cidade.

3. MUNDO DA INFÂNCIA

A partir dos dados obtidos na pesquisa, foi possível observar detalhes, contextualizar e apreender algo do universo social dos homens entrevistados. A análise desses dados tornou possível encontrar características que permitem compreender a existência de tabus mantidos pelas famílias na educação dos entrevistados como, por exemplo, o tabu do sexo, por sua vez articulado ao tabu da gravidez².

Observou-se que os homens entrevistados cresceram em um mundo em que 57,7% das famílias da amostra nada diziam sobre sexo às crianças e 74,1% dos entrevistados informaram que suas famílias não celebravam gravidez de mães, tias, primas, amigas. Em 82,4% dos casos, as mães/responsáveis não ensinavam para suas crianças o que era ter um bebê e, em 76,9% dos casos, as professoras das escolas também não falavam sobre o assunto. Interessante registrar que 60% dos respondentes tinham menos de 40 anos de idade no momento da entrevista, o que significa dizer que as famílias de mais da metade da amostra praticavam esses costumes entre os anos 80 e 90 - isto é, no final do século XX. Era um ambiente em que, privadas de informação, confirmam 35% dos respondentes, com muita

² “O que o autor aponta, a partir de exemplos corriqueiros ou cotidianos, é a relação existente entre a dinâmica psicológica (o sentimento de vergonha e repugnância) e a dinâmica social (explicitada nas noções de refinamento e civilização), ou, de forma a enfatizar um dos conceitos mais importantes desenvolvidos por ele, a relação entre a dinâmica social e a estrutura da personalidade. O termo *habitus*, normalmente associado a Bourdieu, é também utilizado por Norbert Elias referindo-se tanto ao *habitus* individual quanto ao social – o último constituindo o terreno no qual crescem as características pessoais e significando basicamente “segunda natureza” ou “saber social incorporado” (DUNNING e MENNELL, 1997: p. 09).

curiosidade sobre o assunto, as crianças desenvolviam estratégias em busca de compreender a origem da vida. Dos respondentes, 34,1% disseram que “*cada um contava ao outro o que sabia do assunto*”. Ainda havia o recurso do amigo mais velho, a quem 30,8% recorriam, já que “*ele sabia mais*” sobre o assunto proibido e explicava aos outros. As questões relativas ao sexo eram cercadas de “*segredo*” e de “*vergonha*”.

Outra característica do universo social dos respondentes, conforme dados do *survey*, era um perceptível tratamento diferenciado dirigido aos meninos. Dos entrevistados, 52,83% afirmaram que achavam isso normal, “*pois era o certo*”. Afinal, nesse ambiente de infância, *meninas brincavam com meninas e os meninos brincavam com meninos*, conforme registraram 66,15% dos entrevistados.

3.1. ROTINA DE CUIDADOS

Há estudos que associam o comportamento de homens autores de violência contra mulheres a uma infância violenta e vulnerável, uma vivência muitas vezes experimentada em lares desfeitos (MARINHEIRO, VIEIRA e SOUZA, 2006). Nesse estudo, no entanto, os dados mostraram um histórico de cuidados e conforto familiar, mesmo na simplicidade. Da análise das primeiras respostas dadas pelos entrevistados sobre o tema, emergem recordações de lares nos quais as crianças tinham um cotidiano regulado por hábitos de alimentação, higiene e regras de comportamento definidas.

Nesse contexto familiar, havia horários estabelecidos para as refeições principais - almoço, em 80,2% dos casos; jantar em 69,2% dos casos -, horário para lanche da tarde em menor incidência, chegando a 48,4%. Nesta rotina familiar, havia horário para o banho antes do jantar em 68,1% dos casos. Por outro lado, tendo em vista uma tendência geral de respostas “**Não**” (bem acima dos 50% em muitos temas menos rotineiros), vê-se que os entrevistados não tiveram dúvida ao marcar as opções em pauta. Isso parece indicar que, se há dificuldades em situar lembranças e experiências vividas na infância, não há receio quanto a registrar fatos concretos da rotina cotidiana vivida em família.

3.2. ESFERA DA RELIGIOSIDADE

Nas pesquisas sobre valores e cultura, existem vários indicadores de religiosidade fortemente correlacionados: crença em Deus, participação em igrejas e cultos,

prática da oração, importância da religião e de Deus na vida das pessoas, até crenças muito específicas com relação à vida após a morte, ao céu e ao inferno etc. Escolhemos trabalhar com o indicador “*religiosidade na educação familiar*”.

O que se observou, a partir da análise dos dados, é um forte padrão de religiosidade na educação recebida na infância: 45% dos integrantes desta amostra assinalaram que a família “*valorizava o fator religião e foram educados dentro dos padrões religiosos*”. Além disso, houve ainda uma incidência acima de 25% dos respondentes que registraram ter crescido em famílias com padrão religioso mais flexível - 27,5% informaram ter “*recebido educação religiosa, embora não fossem cobrados a frequentar igrejas/templos*”. Esses dois indicadores formam um grupo significativo de respondentes educados dentro de padrões religiosos na infância e na juventude. Isso significa dizer que, tendo 45% da amostra recebido educação religiosa com mais rigor e 27,5% com menos, tem-se um contingente de 72,5% dos respondentes que experimentaram na infância/juventude algum nível de educação religiosa.

Segundo um estudo conduzido em 2018 pelo *Pew Research Center*³, para 45% dos 38.426 entrevistados em 34 países é preciso acreditar em Deus para ter bons valores. “*É preciso ser religioso para ter moralidade?*” - indagaram os pesquisadores. Naquele estudo, os pesquisadores concluíram que a religiosidade é mais forte no Brasil do que em países de renda semelhante⁴. Essa opinião, porém, varia enormemente, de 9% na Suécia a 96% nas Filipinas, conforme registrou Timothy Power, diretor de escola de Oxford ao analisar essa pesquisa global⁵.

Discutindo o tema de uma perspectiva comparada de religiosidade, o especialista registra que teorias antigas de modernização socioeconômicas, mesmo criticadas pela simplicidade e aparente determinismo, ainda explicam grande parte da realidade. Conforme Power (2020), os resultados desse estudo são congruentes com décadas de pesquisas sobre valores, realizadas pelo cientista político americano Ronald Inglehart e seus

³ O Pew Research Center (PRC) é um *think tank* (centro de reflexão e produção intelectual) localizado em Washington DC (EUA) que fornece informações sobre questões, atitudes e tendências que estariam moldando os EUA e o mundo. O *Pew Research Center* (PRC) e seus projetos recebem verba do *Pew Charitable Trusts*. O *Pew Research Center* informa não defender causas, enquanto o *Pew Charitable Trusts* apoia tanto projetos ligados a causas quanto neutros.

⁴ Sobre os resultados da pesquisa, divulgados na primavera de 2019, ver no site da própria organização responsável pelo estudo: <https://www.pewresearch.org/global/2020/07/20/the-global-god-divide>

⁵ Ver no site: https://piaui.folha.uol.com.br/moral-religiosa-e-mais-forte-no-brasil-do-que-em-paises-com-renda-parecida/?utm_campaign=a_semana_na_piaui. Consulta feita em setembro 2020.

colaboradores⁶. Países com PIBs maiores (Produto Interno Bruto) são menos propensos a relacionar fé em Deus com moralidade.

Quanto mais rica é a sociedade, menos importante é a religião (lembrando que se trata de uma associação estatística, e não de uma “lei de ferro”). Isso se observa na linha de regressão do Pew: nas sociedades mais desenvolvidas, as pessoas têm menos probabilidade de afirmarem que a crença em Deus é necessária para se ter moralidade e bons valores. A segunda coisa que sabemos é que existem certos pontos fora da curva onde a religiosidade não é muito bem explicada pelo nível de modernização socioeconômica (POWER, 2020:02).

Nesta pesquisa realizada em Belo Horizonte (MG), na tentativa de estabelecer vínculos entre a educação recebida por estes homens entrevistados e a prática da violência, cruzamos as variáveis “*motivações para o conflito*” e “*educação religiosa*”. Encontramos, como resultado, uma associação estatística entre os que responderam “*Sim*” para “*Minha família valorizava isso e crescemos recebendo educação religiosa*” e aqueles entrevistados que marcaram “*Ciúmes*” em resposta às *Motivações para Conflito* ($p=0,027$ em Teste de Qui Quadrado significativo a 5%). Quando discutíamos razões para os desentendimentos entre os casais, a variável “*Ciúmes*” apareceu com um índice de 35% de registros entre os respondentes - essa motivação constituiu-se na segunda opção mais aceita pelos participantes da pesquisa como explicação razoável para as razões de conflito nas relações íntimas.

⁶ Por exemplo, Inglehart com Pippa Norris, *Sacred and Secular: Religion and Politics Worldwide*, 2ª edição revisada, Cambridge University Press, 2011.

Tabela 1. Educação Religiosa X Motivações Para o Conflito nos HAV, BH/MG, 2019

Motivações para o conflito		Minha família valorizava isso e crescemos recebendo educação religiosa				P
		Não		Sim		
		n	%	N	%	
Q72 - Falta de confiança	Não	15	50.0	25	61.0	0.357
	Sim	15	50.0	16	39.0	
Q72 - Ciúmes	Não	21	67.7	17	41.5	0.027*
	Sim	10	32.3	24	58.5	
Q72 - Falta de diálogo	Não	12	38.7	23	56.1	0.144
	Sim	19	61.3	18	43.9	
Q72 - Incapacidade Comunicação	Não	17	54.8	25	61.0	0.601
	Sim	14	45.2	16	39.0	
Q72 - Relacionamento acabado	Não	25	80.6	33	80.5	0.987
	Sim	6	19.4	8	19.5	
Q72 - Visões diferentes	Não	24	77.4	29	70.7	0.524
	Sim	7	22.6	12	29.3	
Q72 - Incapacidade enfrentar crises	Não	20	64.5	32	78.0	0.204
	Sim	11	35.5	9	22.0	

* Teste de Qui Quadrado significativo a 5%.

Fonte: *Elaboração própria.*

Em estudo realizado em 10 capitais de estados brasileiros (formatado como um inquérito epidemiológico aplicado a 3.205 adolescentes do ensino médio), concluiu-se que o *ciúme* é a principal causa entre as motivações para a prática de violência apontadas por namorados adolescentes. Oliveira, Assis, Najaine e Pires (2016), autoras da pesquisa, concluíram que humilhações e agressões entre namorados foram consideradas graves. Entretanto, *infidelidade* e *ciúme* destacaram-se como “*disruptores de conflitos e brigas, refletindo normas de gênero tradicionais legitimadoras da violência*”. As autoras destacaram a necessidade de ações voltadas à desconstrução de estereótipos de gênero e à problematização da banalização da violência entre adolescentes.

3.3. TEMORES E CASTIGOS

Na infância dos entrevistados, sete situações figuravam como símbolo de grande parte dos temores dos garotos e suas famílias de que se envolvessem em alguma encrenca. No topo dessas situações aparece “*envolver-se em briga de rua*”, com 47,3% das preferências. Em ordem decrescente vem: “*roubar frutas do quintal de conhecidos*”, marcado

por 37,4% dos respondentes; “*brigar na escola*”, por 34,1%; “*quebrar a janela do vizinho*”; por 30,8%; “*fugir pra jogar futebol no campinho do bairro*”, por 27,5%; “*sair com colegas que os pais não gostavam*”, que recebeu 25,3% de registros. Na lanterninha das preocupações, figura “*bater na irmã/irmão menor*”, com 23,3%. Ressalta-se que, também nesta questão, os respondentes podiam marcar mais de uma possibilidade de resposta.

De modo geral, como assinalam estas preferências, o espaço exterior ou espaço da rua surge quase como ameaça, revelando temores reais ou imaginários que poderiam colocar em risco a integridade das crianças ou comprometer a qualidade das relações de vizinhança. Muitas destas famílias, é certo, viviam em locais considerados menos seguros. Conectados a esses temores, articulam-se as punições relativas à gravidade de cada ato, a depender da cultura familiar. Ao mesmo tempo, a preferência de quase 50% da amostra revelando temores com *brigas de rua* (47,3%) e *brigas na escola* (34,1%) também pode estar informando a existência de rituais próprios da estruturação das masculinidades⁷. Possibilidade real visto que a infância é um período relevante no aprendizado dessas práticas usadas na construção de territórios, conquista de respeito nos grupos e comprometimento com regras vigentes.

4. COMPORTAMENTO ESPERADO

Entre as proposições desenvolvidas pelas famílias para introduzir as crianças na vida social, o incentivo a bons comportamentos traz informações que auxiliam a contextualizar normas, princípios e valores praticados em cada grupo familiar. Para tentar acessar esse conjunto de informações, o *survey* apresentou aos entrevistados a opção de frases sínteses dessa temática: *que ideais estes meninos deveriam encarnar diante de suas famílias?* Para tentar captar essas noções de virtude incentivadas, construímos 16 frases cujo conteúdo representava valores como *boa educação*, o *valor da coragem*, o *valor da esperteza*, *correção moral e respeito às regras*, e ainda *valores de gênero*.

⁷ Ver mais detalhes em: WELZER-LANG. 2001. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, UFSC; CONNELL, R. W. Masculinities - 2nd ed. Berkeley and Los Angeles, California: California Press. Copyright© R. W. Connell 1995, 2005; BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Revista de Ciências Sociais, V. 30 N. 1/2 1999; BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.



“Normas, princípios e valores’ é uma simplificação que utilizo para referir-me a proposições normativas de diversos tipos: princípios, normas, imperativo moral, modos, costumes, máximas, regras, valores, virtudes, crenças e, mesmo, sentimentos etc. Seria necessário um filósofo analítico e, portanto, toda uma vida para separá-los, explicá-los e desenhar um mapa completo de suas inter-relações. (VANDENBERGHE, 2015:69)”.

Das seis frases criadas com o fim de representar *regras de boa educação* aprendidas em família, observou-se que os entrevistados rejeitaram normas de conduta que traduzissem um caráter opressivo, dificultando a livre expressão das crianças. Nessa temática, a única frase que teve prevalência nas respostas “**Sim**”, com 71.43% de marcação, foi “*Meninos educados devem falar com calma, sem gritar*” (com rejeição de 23,08% dos respondentes). Os outros cinco conteúdos que sintetizavam regras de boa educação foram amplamente rejeitados com percentuais acima de 62%, na seguinte ordem decrescente:

- 1- *Não se deve gritar pela casa na hora das brincadeiras*: **Não** - 80.22%; **Sim**- 13,19%;
- 2- *Meninos devem se apresentar sempre limpos, cabelos penteados*: **Não**- 78.02%; **Sim**- 15.38%;
- 3- *Meninos devem tratar seus colegas com educação/cortesia*: **Não** - 74.73%; **Sim** - 18.68%;
- 4- *Educação se demonstra nas refeições em família*: **Não** - 65,93%; **Sim** – 27,47%;
- 5- *Meninos educados devem dizer “Sim senhora /Não senhora” ou “Sim senhor /Não senhor”*: **Não** - 62,64%; **Sim** - 30.77%.

Por solicitação da pesquisa, os entrevistados deveriam marcar três frases⁸ que expressassem “*bom comportamento, tido como o mais adequado para os meninos de sua época*”. Na esfera dos *valores da coragem*, foi observada uma preocupação das famílias em não estimular comportamentos de risco. Isso mostrou que, ainda que certos comportamentos pudessem reforçar o ideal de masculinidade, as crianças não eram estimuladas pelos familiares a ultrapassar o limite da prudência. Prova disso é que a frase menos escolhida foi justamente “*Meninos corajosos devem reagir se os colegas ameaçarem*”, com 83,52% de

⁸ Nessa questão os respondentes foram orientados a marcar três respostas. Por esta razão, a soma dos dados ultrapassará 100%.

Não. O mesmo aconteceu com “*É preciso demonstrar coragem para ser fazer respeitar*”, com 79,12% de **Não**. E a preocupação das famílias com os comportamentos de risco pode também ser observada na menor adesão à frase “*Meninos medrosos não são respeitados nas ruas*”, onde o **Não** obteve 79,12% das preferências.

Ao mesmo tempo, a baixa adesão à frase “*Os meninos respeitados não falam tudo o que pensam, nem em família*” (com 86,81% de **Não**), expressa aqui padrões de confiança na relação familiar. Já a prevalência de 90,11% de **Não** à frase “*Meninos não devem deixar seus pais fazerem muitas críticas*”, reforça a ideia de respeito pelos entrevistados ao esforço dos pais/responsáveis por imprimirem a noção de rigor e autoridade no processo de educar seus filhos.

4.1. CENSURA À ESPERTEZA E À FEMINILIDADE

Dados obtidos na discussão do “*valor da esperteza*” mostram que, nas famílias dos entrevistados, esse atributo não parecia figurar em lugar de destaque. Ainda na década de 1930, no livro *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda fazia distinção entre o “*aventureiro*” e o “*trabalhador*”. O primeiro poderia ter o significado de “*esperto*” e, o segundo, o significado de “*experto*”. Estes dois tipos guardam, como questão de fundo, dois princípios e duas éticas. O primeiro tipo tem como ideal “*colher o fruto sem plantar a árvore*”. O autor deu mais detalhes a respeito dos dois:

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador, só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem –, tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo. (HOLANDA, 1995, p. 44).

Essa passagem de Holanda (1995) ajuda a compreender as altas taxas de rejeição, nesta pesquisa, a todos os conteúdos que possam sugerir um incentivo à esperteza.

Não por acaso, as referências culturais encontradas em outro trecho do estudo, revelaram o grande estímulo das famílias para que suas crianças se aproximassem do ideal de adultos trabalhadores. Tanto é assim que a frase “*Meninos espertos não devem ser passados pra trás pelos colegas*” obteve “**Não**” de 82,42% dos entrevistados. Ao lado disso, obteve quase 90% de rejeição nessa temática o conteúdo “*Meninos que estudam demais não são tratados como espertos*” – *houve 89,01% de “Não” a esta frase.*

Gráfico 03. Expectativas de Bom Comportamento 1 dos HAV , BH/MG, 2019



Fonte: Elaboração Própria.

Reaparece a preocupação com segurança das crianças na rejeição de 90,11% à frase “*Garotos espertos não ficam pedindo permissão para tudo*”. Também aqui a cultura da esperteza parece sofrer censura. Por utilizar o termo “*meninos espertos*” até mesmo frases inofensivas foram altamente rejeitadas, tais como: “*Meninos que estudam pouco não são tratados como espertos*”, com 82,42% de “**Não**”; ou “*Meninos espertos não ficam correndo risco à toa*”, cuja taxa de “**Não**” ficou em 73,63%.

A censura ao feminino foi observada na discussão de valores como *correção moral* ou *respeito às regras*. Há inúmeros exemplos como: “*Os bons meninos devem se comportar com espontaneidade e sinceridade em família*”; **Sim** de 26,37% e **Não** de 67,03%. Na mesma linha, foi alto o nível de rejeição à frase: “*Meninos não devem ser rudes ao se dirigir às crianças mais novas*”, rejeitado por 85,71% da amostra. Tradicionalmente na vida social brasileira, sabe-se que oferecer cuidados às crianças pequenas não é tarefa atribuída aos

garotos. Mesmo que isso não possa ser evitado em se tratando de classes de baixa renda⁹, associado ao fato de que em regiões periféricas não se tem boa concentração de creches públicas, a ideia pura e simples de uma tarefa ou valores associados à feminilidade não parece receber incentivos na cartilha dos garotos. Aqui o que os números indicam é uma censura à noção de que o cuidado com a prole da família poderia ser atribuição masculina.

Note-se que essa temática entra no *survey* com o intuito de discutir *valores morais nas famílias* nas quais esses homens cresceram. Há outros exemplos em que também foi demonstrada grande rejeição a valores morais associados às virtudes femininas. Desta forma, registraram-se as seguintes prevalências: “Meninos não devem responder a seus pais quando criticados” - o peso da rejeição em 75,82% reforçou a recusa a conteúdos que denotem submissão aos pais; alguma independência foi celebrada com a rejeição de 73.63% ao conteúdo de “Sem permissão de seus pais não se deve ir a locais distantes com amigos”. Ao lado disso, outros números revelaram pouco apego aos ideais da educação formal, com a rejeição de 62,64% a “Meninos devem manter em dia seus deveres da escola” – virtude estimulada no Brasil no comportamento de meninas. Mais adiante, o conteúdo “Meninos inteligentes devem tirar boas notas” dividiu as preferências com 46,15% de “Sim” e 47,25% de “Não”. Mesmo a aprovação dos respondentes exatamente a essa frase não parece suficiente para afastar o fantasma de que, entre integrantes das classes de baixa renda, a virtude de muito se dedicar na escola é uma habilidade mais incentivada para meninas.

Gráfico 04. Expectativas de Bom Comportamento 2 aos HAV, BH/MG, 2019



Fonte: Elaboração própria.

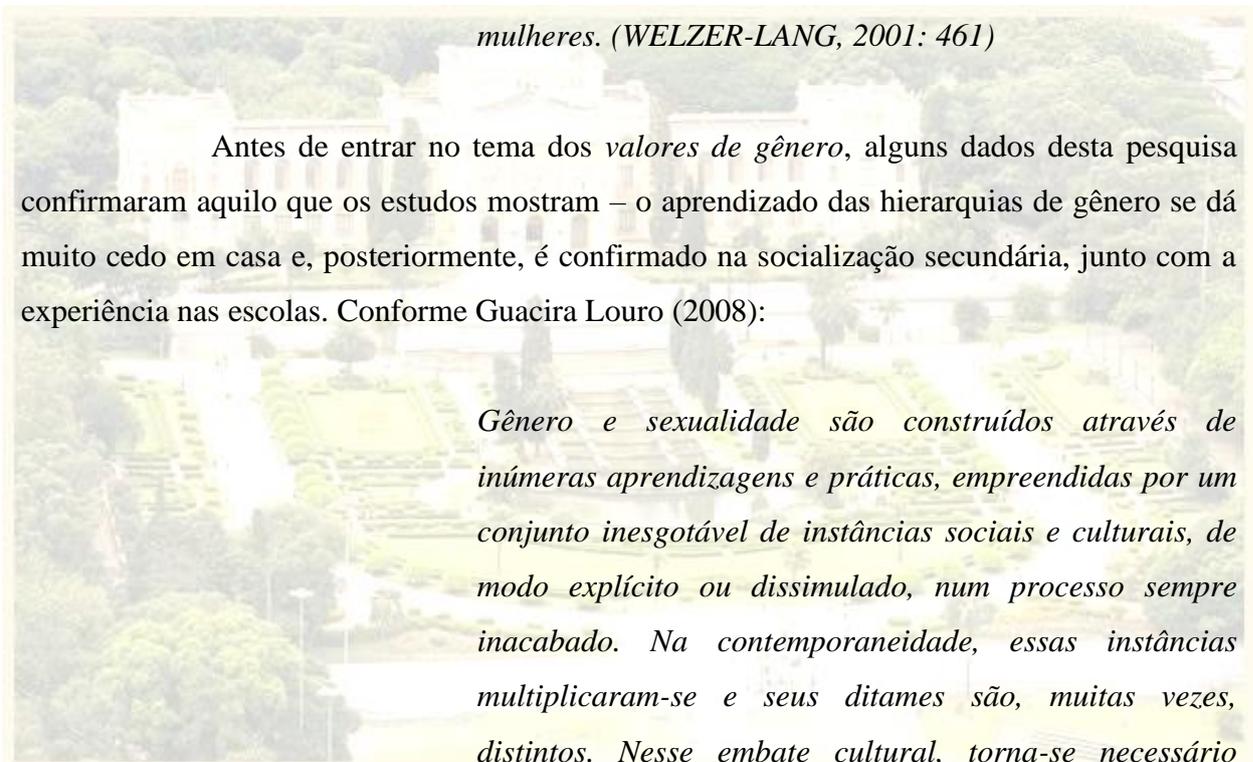
Esperava-se finalmente que, na discussão de certos valores familiares - o respeito aos mais velhos, a adesão ao valor da honestidade, ou à autoridade dos pais -, os respondentes mostrassem de algum modo que se vinculavam às virtudes do bom comportamento esperado pelas famílias. Porém, o conteúdo “*Garotos devem se dirigir aos pais de forma respeitosa, mesmo nas brigas*” teve rejeição de 71,43% dos respondentes, e aceitação de 21,98%; “*Os garotos devem tratar os mais velhos com respeito*” teve 38,46% de “**Sim**” e 54,95% de “**Não**”; “*Garotos não se esquecem de devolver troco aos pais depois de uma compra*” foi **aceito** por 18,68% dos entrevistados e obteve **rejeição** da maioria, de 74,73%.

A preocupação de homens/meninos em se afastar de qualquer ideia de comportamento com traços de feminilidade foi observada em algumas pesquisas que discutem a formação das masculinidades (conf. Connell, 1995/2005). Também na obra *A Dominação Masculina*, Bourdieu (1999) trata diretamente desse temor. As reflexões de Bourdieu (1999: 66,67) rompem com pressupostos já consagrados, fazendo ainda a crítica ao discurso feminista – “*que restringiu a relação de dominação apenas na esfera doméstica, descurando-se de olhares sobre a escola ou o Estado, que também exercem domínio dentro do universo mais privado*”, registra Barreira (1999). A dominação masculina, na perspectiva de Bourdieu, está estruturada no contexto mais amplo da ordem social, transformando os próprios homens em agentes de exercício de uma ordem pela tensão afirmadora da virilidade. Ao lado desse fenômeno, e dentro dele, “*emergem situações de medo e angústias advindas da ameaça de exclusão do mundo dos homens*” (conf. Barreira, 1999:180). Nessa perspectiva, Bourdieu afirma que “*a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante de outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo*” (Bourdieu, 1999:67).

Também um dedicado autor de estudos sobre esse tema, Welzer-Lang (2001) discute noções de como se dá a construção social da masculinidade, como se observa no trecho a seguir:

Não somente homens e mulheres não percebem da mesma maneira os fenômenos, que são, no entanto, designados pelas mesmas palavras, mas sobretudo não percebem que

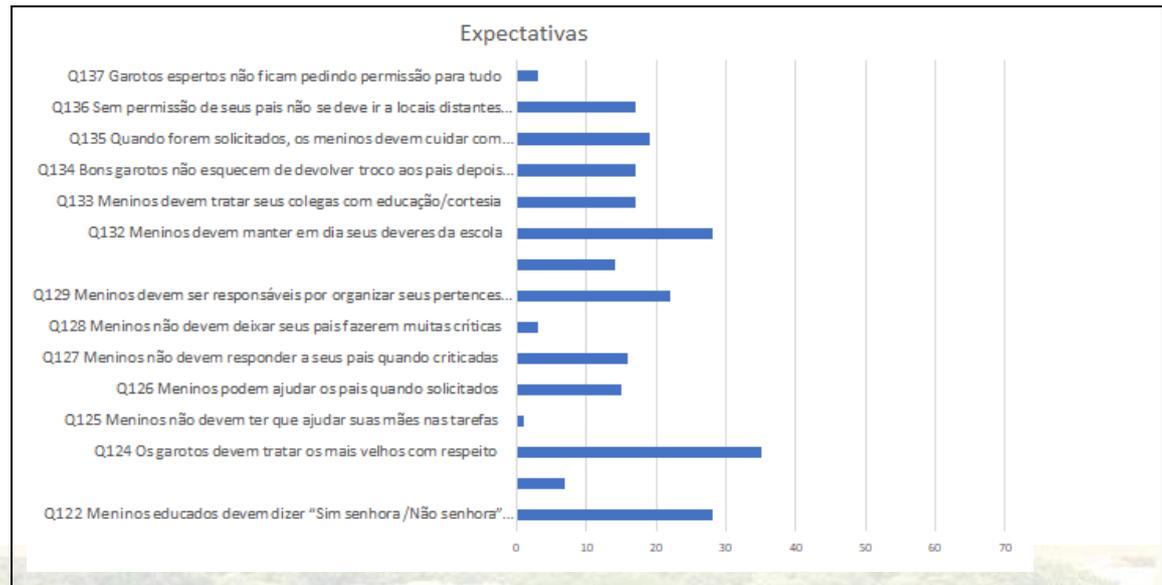
o conjunto do social está dividido segundo o mesmo simbólico que atribui aos homens e ao masculino as funções nobres e às mulheres e ao feminino as tarefas e funções afetadas de pouco valor. Esta divisão do mundo, esta cosmogonia baseada sobre o gênero, mantém-se e é regulada por violências: violências múltiplas e variadas as quais – das violências masculinas domésticas aos estupros de guerra, passando pelas violências no trabalho – tendem a preservar os poderes que se atribuem coletivamente e individualmente aos homens à custa das mulheres. (WELZER-LANG, 2001: 461)



Antes de entrar no tema dos *valores de gênero*, alguns dados desta pesquisa confirmaram aquilo que os estudos mostram – o aprendizado das hierarquias de gênero se dá muito cedo em casa e, posteriormente, é confirmado na socialização secundária, junto com a experiência nas escolas. Conforme Guacira Louro (2008):

Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado. Na contemporaneidade, essas instâncias multiplicaram-se e seus ditames são, muitas vezes, distintos. Nesse embate cultural, torna-se necessário observar os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, e os significados que lhes são atribuídos. (LOURO, 2008:17)

Gráfico 05. Expectativas de Bom Comportamento 3 nos HAV, BH/MG, 2019



Fonte: Elaboração própria.

Nesta pesquisa, observou-se que, de forma sutil, os respondentes mostraram preocupação em se afastar de características socialmente consideradas femininas, tratadas de forma subjacente em outros temas, não diretamente citando estas diferenças de hierarquia entre meninos e meninas. Ao mesmo tempo, na temática dos *valores de gênero*, conteúdos explicitamente sexistas e/ou que incentivem desigualdades entre homens e mulheres foram rejeitados.

Este é o caso, por exemplo, da rejeição de 92,31% à frase, muito conhecida pela geração que cresceu no Brasil entre os anos 50 e 70: *“Lugar de meninos é na rua e de meninas é em casa”*. A mesma negativa aconteceu em relação a um conteúdo que traduz outra máxima conservadora: *“Lugar de meninos é na rua”*, rejeitado por 91,21%. E novamente aqui o mesmo fenômeno foi observado na frase *“Meninos muito limpos e muito arrumados não parecem meninos”*, rejeitada por 93,41% - pelo tom excessivamente sexista.

Todavia, não é preciso observar a grande recusa a uma frase socialmente mais identificada com o universo feminino, como é o caso de *“Quando forem solicitados, os meninos devem cuidar com atenção de seus irmãos menores”* - apenas **aceita** por 20,88%, e **rejeitada** por 72,53% dos entrevistados. Já a ideia explícita de machismo expressa na frase *“Meninos não devem ter que ajudar suas mães nas tarefas”* foi **rechaçada** por 92,31%. Ao mesmo tempo, os respondentes ficaram um pouco divididos diante de *“Meninos devem ser responsáveis por organizar seus pertences em seus quartos”*, que teve entre 24,18% de **“Sim”** e 69,23% de **“Não”**. Atribuir tarefas a esses garotos não parecia simples, tanto que grande

parte dos respondentes também rejeitou a ideia contida na frase “*Meninos podem ajudar os pais quando solicitados*”, **recusada** por 76,92% e apenas **aceita** por 16,48%.

4.2. CASTIGOS SEVEROS

Observou-se finalmente que, para 14,3% dos entrevistados, a experiência da infância foi vivida *em situação de violência*. E mesmo que 80,2% dos respondentes **não** tenham marcado essa opção, os índices dos que assumiram o fato não deve ser ignorado. E ainda, foi encontrado o registro de 2,2% da amostra, que assinalou ter vivido *abuso* na infância. Interessante assinalar que, ao longo do questionário sobre Infância, quando se retoma o assunto sobre práticas de violência dos adultos contra suas crianças, surgiram novos dados na aplicação do *survey*, modificando a visão até então formada. A essa altura emergindo das respostas alguns tipos de castigos e punições severas. Agora os níveis percentuais mostraram-se pulverizados em detalhes antes não referidos.

Por exemplo, na temática de *repreensões, castigos, punições*¹⁰, observamos que mais de 15% dos respondentes assinalaram positivamente expressões tais como *tapas no rosto, socos, pontapés e surras* com cintos. Ao lado disso, *palmadas no bumbum* estão no topo das punições físicas, com 41% dos registros. Em seguida, e por ordem decrescente, apareceram: (1) *Perder a mesada* - 80,2%; (2) *Beliscões* - 31,9%; (3) *Ficar sem futebol ou esporte favorito* - 30,8%; (4) *Ficar sem televisão* - 27,5%; (5) *Pontapés* - 19,8%; (6) *Socos* - 17,6%; (7) *Tapas no rosto* - 16,5%.

¹⁰ A orientação dada aos entrevistados foi de que poderiam assinalar mais de uma resposta, razão pela qual a soma dos percentuais ultrapassa 100%.

Tabela 2. Incidência de Castigos na Infância dos HAV, BH/MG, 2019

Características	Resposta	n	%
Q58 - Colocavam de castigo	Não	28	30.8
	Sim	60	65.9
Q59 - Não permitiam jogar futebol ou outra diversão de que gostava	Não	55	60.4
	Sim	33	36.3
Q60 - Proibiam assistir televisão algum tempo	Não	62	68.1
	Sim	26	28.6
Q61 - Davam umas palmadas	Não	43	47.3
	Sim	45	49.5
Q62 - Davam umas cintadas	Não	68	74.7
	Sim	20	22.0
Q63 - Tiravam o passeio com os amigos/primos	Não	83	91.2
	Sim	5	5.5
Q139 - Quarto escuro muitas vezes	Não	75	82.4
	Sim	7	7.7
Q139 - Quarto escuro algumas vezes	Não	78	85.7
	Sim	2	2.2
Q139 - Tapas no rosto	Não	65	71.4
	Sim	15	16.5
Q139 - Tapas no bumbum	Não	43	47.3
	Sim	38	41.8
Q139 – Socos	Não	74	81.3
	Sim	16	17.6
Q139 – Pontapés	Não	72	79.1
	Sim	18	19.8
Q139 - Palmadas nas mãos	Não	74	81.3
	Sim	9	9.9
Q139 – Beliscões	Não	52	57.1
	Sim	29	31.9
Q139 - Puxões de cabelo/empurrões	Não	78	85.7
	Sim	3	3.3
Q139 - Ficar sem televisão	Não	56	61.5
	Sim	25	27.5
Q139 - Ficar sem passeio com os amigos/primos	Não	65	71.4
	Sim	16	17.6
Q139 - Ficar sem futebol no bairro/ou esporte favorito	Não	53	58.2
	Sim	28	30.8
Q139 - Perder a mesada.	Não	8	8.8
	Sim	73	80.2

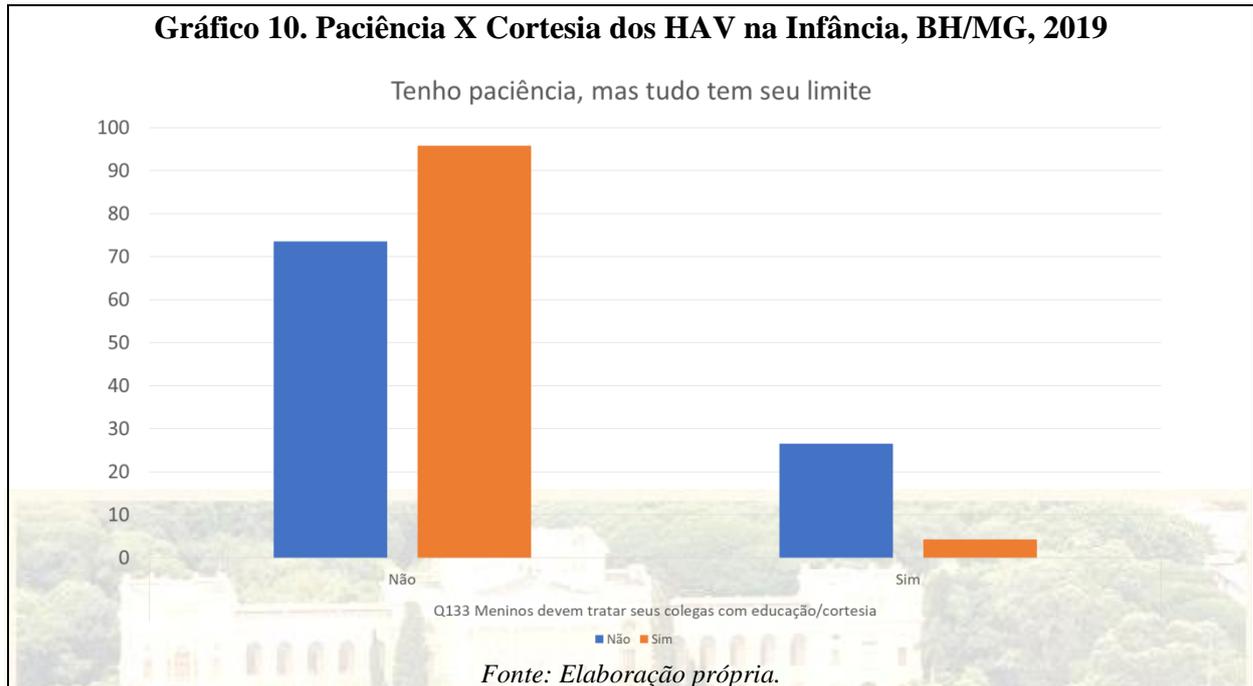
Fonte: *Elaboração própria.*

Ao mesmo tempo, além da adoção de punições físicas consideradas mais agressivas, a adesão em massa dos respondentes à opção do castigo *perder a mesada*, chama atenção para um hábito que as famílias das camadas médias da população brasileira incorporaram há muito poucas décadas.

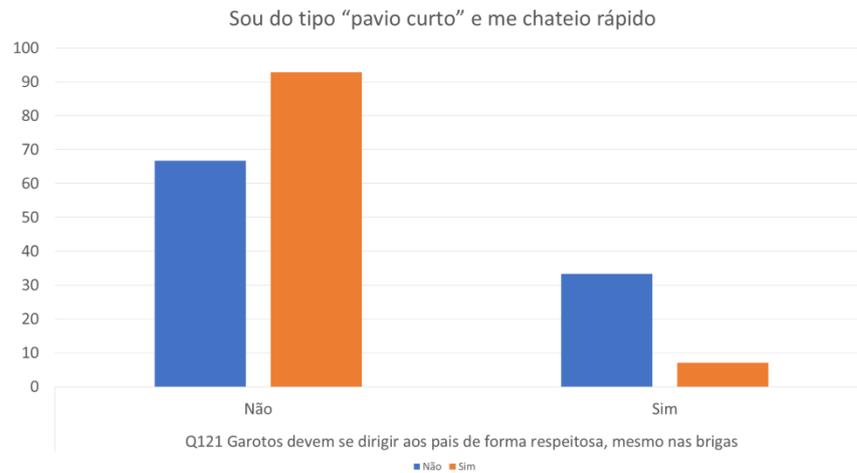
4.3. MOTIVAÇÕES PARA O CONFLITO

Ao realizamos o cruzamento de alguns indicadores, foi encontrada a associação entre variáveis que podem reunir elementos interessantes para se pensar as razões pelas quais determinados homens reagem agressivamente a situações de conflito na relação amorosa. Aqueles que na discussão de “*motivações para o conflito*” escolheram a opção *Incapacidade para Enfrentar Crises* aparecem associados à resposta “**Sim**” para “*Meninos devem ser responsáveis por organizar seus pertences em seus quartos*”; e “*Bons garotos não se esquecem de devolver troco aos pais depois de uma compra*”; e “*Sem permissão de seus pais não se deve ir a locais distantes com amigos*”. Estes diferem da grande maioria dos respondentes, que rejeitaram os conteúdos de frases como estas por estarem associados a representações sociais da feminilidade.

Aqueles que responderam “**Sim**” para “*Tenho paciência, mas tudo tem seu limite*” estão mais associados com responder “**Não**” para “*Meninos devem tratar seus colegas com educação/cortesia*”. **Para interpretar o que nos diz a associação dessas variáveis, deve-se dar atenção ao fato de que uma delas é um indicador de tolerância (os entrevistados se apresentam como parceiros pacientes nas relações sociais), enquanto o outro indica rejeição a um padrão de civilidade nas interações sociais na infância. Isso indica que a aparente tolerância fica interpelada pela outra variável, por seu conteúdo rejeitar francamente a cortesia como prática social.**

Gráfico 10. Paciência X Cortesia dos HAV na Infância, BH/MG, 2019

Em outra associação de indicadores - desta vez entre as variáveis “reações em situação de conflito” e “expectativas sobre comportamento” -, aparece um resultado interessante. Aqueles que, no tema “reações em situação de conflito”, responderam “Sim” para “Sou do tipo pavo curto” estão mais associados com responder “Não” para “Garotos devem se dirigir aos pais de forma respeitosa, mesmo nas brigas”. Isso mostra imediatamente duas características: (1) há sinais de coerência/sinceridade nas respostas oferecidas à pesquisa, quando os respondentes se reconhecem como pessoas de “pavo curto” ou pouco pacientes em situações de conflito; (2) ao mesmo tempo, aparecem associados aos que *não acreditam que garotos deveriam ser respeitosos com os pais na hora das brigas*. Por um lado, isso reforça a crença na coerência das respostas dos entrevistados. Por outro, de forma objetiva, vincula o comportamento dos menos pacientes com os menos dispostos a ter uma postura civilizada nos momentos de conflito.

Gráfico 11. Sou do tipo “pavio curto”, HAV em conflito, BH/MG, 2019

Fonte: Elaboração própria.

Ainda na análise de variáveis, houve outro cruzamento positivo na temática “reações em situação de conflito”. Observamos que aqueles que confirmaram a resposta “Sou do tipo pavio curto e me chateio rápido” estão mais associados com resposta “Sim” para “Chorava” quando castigado na infância $(p=0,024)$.

Tabela 3. Reação aos castigos na Infância X Reação em situação de conflito dos HAV, BH/MG, 2019

Características	Q68 - Chorava				P	
	Não		Sim			
	N	%	n	%		
Se o clima está tenso, conversar acho que ajuda.	Não	16	48.5	24	60.0	0.325
	Sim	17	51.5	16	40.0	
Sou do tipo “pavio curto” e me chateio rápido.	Não	25	75.8	20	50.0	0.024*
	Sim	8	24.2	20	50.0	
Tenho paciência, mas tudo tem seu limite	Não	22	66.7	27	67.5	0.940
	Sim	11	33.3	13	32.5	
Quando a outra pessoa está errada, tem que reconhecer	Não	24	72.7	25	62.5	0.355
	Sim	9	27.3	15	37.5	
Se envolve erro meu, sou capaz de reconhecer	Não	22	66.7	27	67.5	0.940
	Sim	11	33.3	13	32.5	

* Teste de Qui Quadrado significativo a 5%.

Fonte: *Elaboração própria.*

4.4. PALAVRAS SOBRE A INFÂNCIA

Às palavras que poderiam fazer sentido para esses homens como síntese ou símbolo de suas lembranças da infância, aplicou-se uma adaptação do Teste de Associação Livre de Palavras (ou TALP, conf. Neves, 2014: p. 64-70)¹¹, destacando aquelas cujo uso regular foi observado durante o acompanhamento de 12 meses, feito nas sessões de grupos reflexivos dos homens encaminhados pelo sistema de justiça ao Instituto Albam (Belo Horizonte, MG).

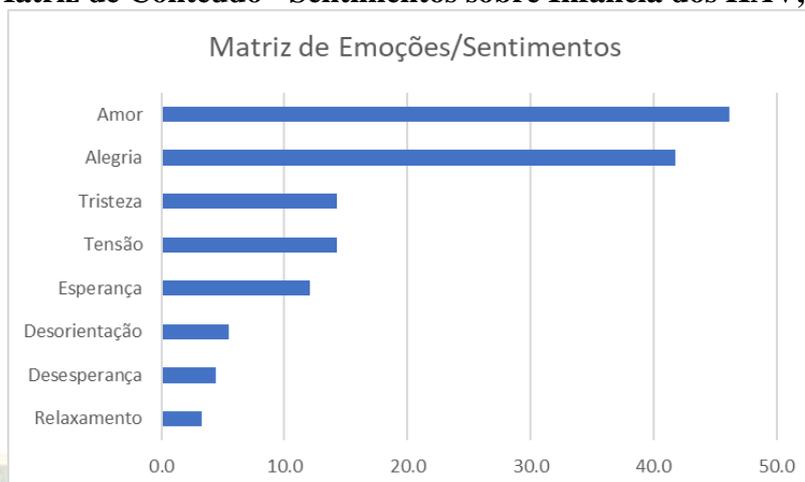
Para tentar reduzir a opacidade do que tentamos compreender, construímos uma abordagem analítica usando a lógica das palavras que possam sintetizar a experiência

¹¹ O TALP é uma técnica de coleta de dados que forneçam informações projetivas, relacionadas aos processos mentais dos indivíduos pesquisados. O Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) pode auxiliar nos processos que favorecem a revelação de desejos fundamentais, elementos de conflitos, momentos significativos da história de vida e as representações sociais relacionadas a objetos e fenômenos. Mais detalhes *in*: NEVES et al, 2014. *Protocolo Verbal e Teste de Associação Livre de Palavras: perspectivas de instrumentos de pesquisa introspectiva e projetiva na ciência da informação*. In: **PontodeAcesso**, Salvador, v.8, n.3 ,p. 64-79, dez. 2014. Ver também: MERTEN. T. O Teste de Associação de Palavras na Psicologia e Psiquiatria: História, Método e Resultados. In: *Revista Análise Psicológica*, 31-541. 1992. E ainda: NEVES, D. A. de B. Aspectos metacognitivos na leitura do indexador. 2004. 131 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)– Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. RAPAPORT, D. Testes de diagnóstico psicológico. Buenos Aires: Editora Paidós, 1965.

dessas duas fases da vida – infância e juventude. Foram oferecidas 28 palavras muito utilizadas pelos homens integrantes de grupos reflexivos observados por 12 meses no Instituto Albam em Belo Horizonte, ao longo de 2018. Para analisar as preferências assinaladas por nossa amostra de pesquisa, criamos algumas categorias que denominamos de *matrizes conceituais*. Com esse recurso de análise foi possível classificar os conteúdos marcados pelos entrevistados em conjuntos de conceitos. Colocando as preferências em grupos de conteúdos, foram produzidos gráficos revelando as escolhas dos respondentes para cada categoria de análise, permitindo acesso a suas visões e sentimentos a respeito das vivências na infância. Assim, chegamos a quatro matrizes lógicas, cada uma correspondendo a um grupo de palavras que indicavam disposições, valores, normas de comportamento, atitudes, desejos, sentimentos, sensações.

- 1- Matriz Doméstica: Conforto, Desconforto, Cuidado, Desorganização, Ausência de Cuidado/Descuido, Organização.
- 2- Matriz de Atitudes: Nervosia, Muito controle, Abandono, Rejeição, Violência, Abuso, Autoridade, Descontrole, Vigilância, Aceitação.
- 3- Matriz de Emoções/Sentimentos: Alegria, Tensão, Relaxamento, Desesperança, Tristeza, Esperança, Amor, Desorientação.
- 4- Matriz Socioeconômica: Pobreza, Simplicidade, Classe Média, Riqueza.

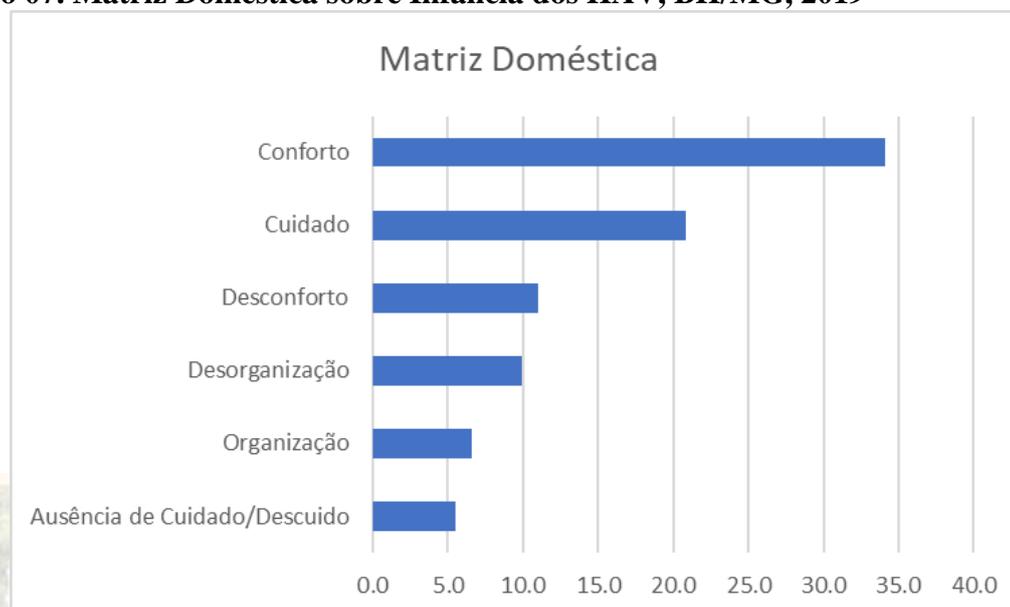
Na análise dos resultados obtidos, o que observamos foi que o *campo das emoções* capturou as preferências gerais, alcançando níveis acima dos 40% das escolhas. Em seguida, distinguiram-se *temas da vida doméstica*, em alguns casos com registros acima de 30%. No campo das emoções, a expressão **Amor** liderou as preferências com 42,6% das escolhas. Ou seja, se avizinha de 50% das preferências dos respondentes, mostrando que quase a metade dos 137 entrevistados assinalou *Amor* como a máxima expressão de suas memórias de infância.

**Gráfico 06. Matriz de Conteúdo - Sentimentos sobre Infância dos HAV, BH/MG, 2019**

Fonte: Elaboração própria.

Ao lado deste, há outro conteúdo síntese que para 41,8% representa o ápice de suas lembranças do período: é a expressão **Alegria**, por um lado aproximando os respondentes do mito da infância feliz que todos esperam reaver em seus dias de memórias. E, ao mesmo tempo, apresentando grande diferença percentual em relação às escolhas das outras expressões oferecidas (as outras expressões, não muito otimistas, não chegam a atingir 15% da amostra). Ou seja, na esfera de sentimentos/emoções, *tristeza*, *tensão*, *esperança* ou *desesperança*, as outras palavras-síntese da infância desses homens, não atingiram 15% das preferências do grupo.

Em outros índices apresentados aqui, viu-se que a categoria *cuidado* figurava entre as características marcantes da infância desses homens. No contexto da vida familiar, havia horários estabelecidos para as principais rotinas do dia - almoço (80,2%); lanche da tarde (48,4%); horário do banho (68,1%); jantar (69,2%). Não por acaso, compreende-se as razões pelas quais aqui as expressões *Conforto* (34,1%) e *Cuidado* (20,9%) tiveram a maioria das preferências, constituindo-se na 4ª e 5ª expressões mais escolhidas pelos respondentes em todos os conteúdos da temática *palavras-síntese da infância*.

**Gráfico 07. Matriz Doméstica sobre Infância dos HAV, BH/MG, 2019**

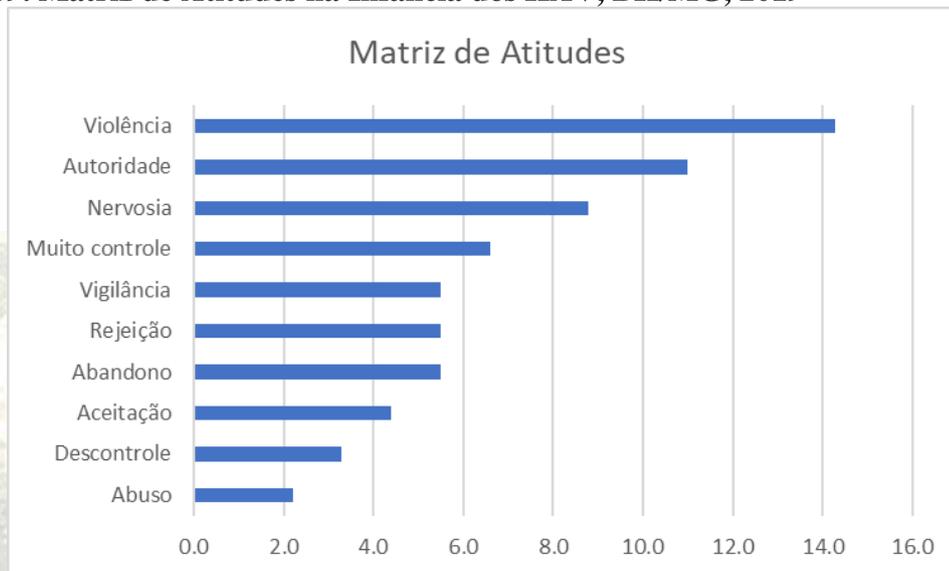
Fonte: Elaboração própria.

Ainda que fiquem claramente expressas as preferências dos respondentes por seis palavras-síntese de suas recordações, é preciso registrar que há muitas ambiguidades no resgate das emoções da infância: *Simplicidade* - 25,3%; *Cuidado* - 20,9%; *Pobreza* - 19,8%. Isso fica explícito ao se recorrer aos números que revelam alto índice de rejeição dessas mesmas palavras assinaladas com os maiores percentuais de respostas “Sim” - em alguns casos as preferências entre “Não” e “Sim” são divididas quase igualmente.

A mesma ambiguidade foi encontrada em relação ao sentimento de *Alegria*, segunda colocada nas preferências dos entrevistados - 41,8% dos entrevistados lembram-se da infância como um período de alegria, enquanto para 52,7% não foi assim. Tentando uma aproximação com outras dimensões dessa vivência, verificamos os percentuais registrados para conteúdos opostos – por exemplo, *Cuidado* e *Ausência de Cuidado*, que sugerem noções distintas. Tendo em vista que o conteúdo *Ausência de Cuidado* foi **rejeitado** por 89% dos entrevistados, seria de se esperar maior preferência pela opção “*Cuidado*”. Fato é que, embora essa tenha sido a 5ª expressão mais marcada pelos respondentes, contava com 20,9% das preferências. E, ao mesmo tempo, **não** foi escolhida por 73,6% da amostra. Tampouco *Desorganização* (**não** marcada por 84,6%) ou *Abandono* (**não** registrada por 81%) expressavam o que esses homens sentiram no período da infância, mostrando também a dificuldade, ou o pudor ou a falta de hábito, em definir percepções e sentimentos. Nesse

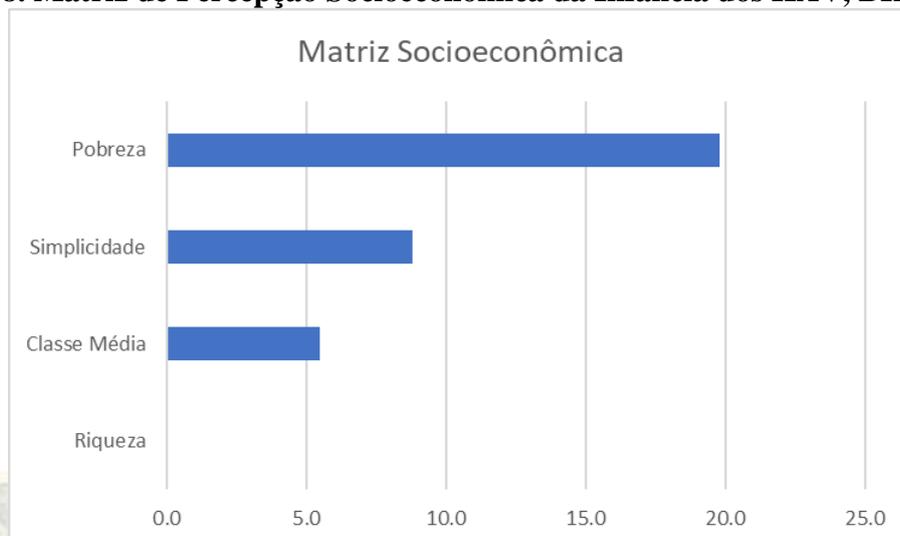
gráfico abaixo, extraído da discussão sobre palavras que simbolizariam a experiência de sua socialização original em família, há questões interessantes a discutir nesse recorte que denominamos “Matriz de Atitudes...”.

Gráfico 09. Matriz de Atitudes na Infância dos HAV, BH/MG, 2019



Fonte: Elaboração própria.

Na mesma temática, lembrando que os respondentes poderiam marcar três expressões, achamos relevante observar o que assinalaram sobre sua percepção da situação econômica de suas famílias. Os dados indicam que 19,8% dos entrevistados acreditam ter crescido na *pobreza*, enquanto 74,5% **não** assinalaram essa noção. Há razões para acreditar que, alternativamente à crueza da expressão *pobreza*, os respondentes podem ter optado pelo conteúdo *simplicidade*, com 25,3% das preferências – expressão que, em Minas, pode funcionar como sinônimo para *pobreza*. Nesta discussão, assinala-se que somente 5,5% dos respondentes entendem ter vivido em famílias de *classe média*, sendo que 89% **não** registraram essa opção.

**Gráfico 08. Matriz de Percepção Socioeconômica da Infância dos HAV, BH/MG, 2019**

Fonte: Elaboração própria.

Por outro lado, 94,5% **não** registraram ter vivido em famílias que desfrutavam de *riqueza*. A partir desses dados, se somarmos o percentual dos 19,8% que disseram ter sido criados na *pobreza* e dos que assinalaram *simplicidade* (25,3%), tem-se que 45,1% informaram ter vindo de *famílias sem muitas posses*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito especificamente ao período da infância dessa amostra, confirmou-se o que diz a literatura: traços de forte rejeição a qualquer formato de comportamento/emoções que pudessem remeter ao modelo aplicado à educação feminina. O que nos leva a entender a rejeição de valores e comportamento incentivados nas meninas como um fenômeno chave no entendimento das estruturas que garantem a entrada dos meninos ao universo da masculinidade. Em outras palavras, é a perda de certa forma de humanidade ou a construção de outro tipo de humanidade onde não cabem as mulheres. Assim se processa uma desumanização da figura feminina e a super humanização da figura masculina, que constituiria o fundamento mesmo da objetificação da representação da mulher nesta sociedade.

Ao mesmo tempo, a subtração de certas características humanas no garoto está diretamente ligada ao esquecimento da violência à qual se submete para ter sancionado seu ingresso no universo masculino e ao qual deve demonstrar pertencer para ser socialmente aceito - com seus ideais de coragem e uma dose de crueldade na relação com as mulheres. O

corte fundamental dos laços com este universo feminino se dá nesses rituais de passagem onde é central a prática do desprezo aos valores da feminilidade em troca do respeito que passa a desfrutar na comunidade dos homens e seus formatos de masculinidades.

Não nos parecem convincentes as repetidas interpretações de que os ciúmes apenas traduzem o fenômeno da posse. O que nos parece evidente na discussão das motivações para o conflito nas relações íntimas é que tudo o que se relaciona com os formatos de masculinidade são características que devem ser, a todo o tempo, emuladas e aceitas nas relações sociais, num permanente e ritualístico processo de sancionar o socialmente aceito que renova e mantém esta norma. Portanto, o que nos parece relevante quando a violência eclode nas crises em que as mulheres pretendem romper o vínculo amoroso não é uma demonstração de propriedade do homem sobre a mulher. É sim um ritual de reafirmação da norma de exercício de poder e capacidade de controle do universo masculino sobre o feminino. O que observamos é uma permanente e ritualística renovação da norma das masculinidades instituídas em lugares de poder e não uma relação com as mulheres – a não ser como objeto deste ritual de emulação das masculinidades.

BIBLIOGRAFIA

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A Dominação Masculina. Resenha. **Revista de Ciências Sociais**, V. 30 N. 1/2 1999;

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Editora Vozes 2001, 20ª edição.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas da educação da criança. **Temas em Psicologia**, 3: 33-49, 1997.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução - Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 1970/1992. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 3ª. Edição, 1992.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999/2003.

CARRIGAN, T.; CONNELL, R. W.; LEE, J. Toward a New Sociology of Masculinity. **Theory and Society**, v. 14, n. 5, p. 551-604, 1985.

CONNELL, R. W. & MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinities**. Cambridge, UK: Polity Press, 1995c.

_____. & MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 241-282, 2013.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador: Uma história dos costumes**, trad. Ruy Jungmann, revisão e apresentação Renato J. Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

DUNNING, Eric & MENNELL, Stephen. Prefácio à edição inglesa. In: ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

GONÇALVES, Sérgio Campos. Processo Civilizador e colonização em Norbert Elias: uma teoria interpretativa através da Sociologia, da História e da Psicologia. In: **OPIS**, Catalão, v. 13, n. 1, p. 200-221, 2013.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias**. Bauru: EDUSC, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, 1902-1982. **Raízes do Brasil**, 26ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

INGLEHART & NORRIS, Pippa. **Sacred and Secular: Religion and Politics Worldwide**, 2nd ed. revisada, Cambridge University Press, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: **Proposições**, v. 19, n. 2(56). 2008.

MAGALHÃES, M. N.; LIMA, A. C. P. **Noções de Probabilidade e Estatística**. 6ª edição. IME/SP. Editora EDUSP. 2004.

MARINHEIRO, A. L. V.; VIEIRA, E. M.; SOUZA, L. Prevalência da violência contra a mulher usuária de serviço de saúde. **Rev Saúde Pública**. 40(4):604-10, 2006.]

MEDRADO, B. & LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3), 2008.

MERTEN. T. O. Teste de Associação de Palavras na Psicologia e Psiquiatria: História, Método e Resultados. In: **Revista Análise Psicológica**, 31-541. 1992.

NEVES, D. A. de B. Aspectos metacognitivos na leitura do indexador. 2004. 131 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NEVES et al. Protocolo Verbal e Teste de Associação Livre de Palavras: perspectivas de instrumentos de pesquisa introspectiva e projetiva na ciência da informação. In: Ponto de Acesso, Salvador, v. 8, n. 3, p. 64-79, 2014.

OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; PIRES, T. O. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jul-Set 2016, Vol. 32 n. 3, pp. 1-12.

ORTNER, Sherry & WHITEHEAD, Harriet. **Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

PETER L. B. E THOMAS L. A Construção Social da Realidade, pags. 173 a 195. Editora Vozes, 2001 - 20ª edição.

POWER, TIMOTHY – Moral Religiosa é Mais Forte no Brasil do que em Países com Renda Parecida, Ver no site: https://piaui.folha.uol.com.br/moral-religiosa-e-mais-forte-no-brasil-do-que-em-paises-com-renda-parecida/?utm_campaign=a_semana_na_piaui. E ver:

<https://www.pewresearch.org/global/2020/07/20/the-global-god-divide>

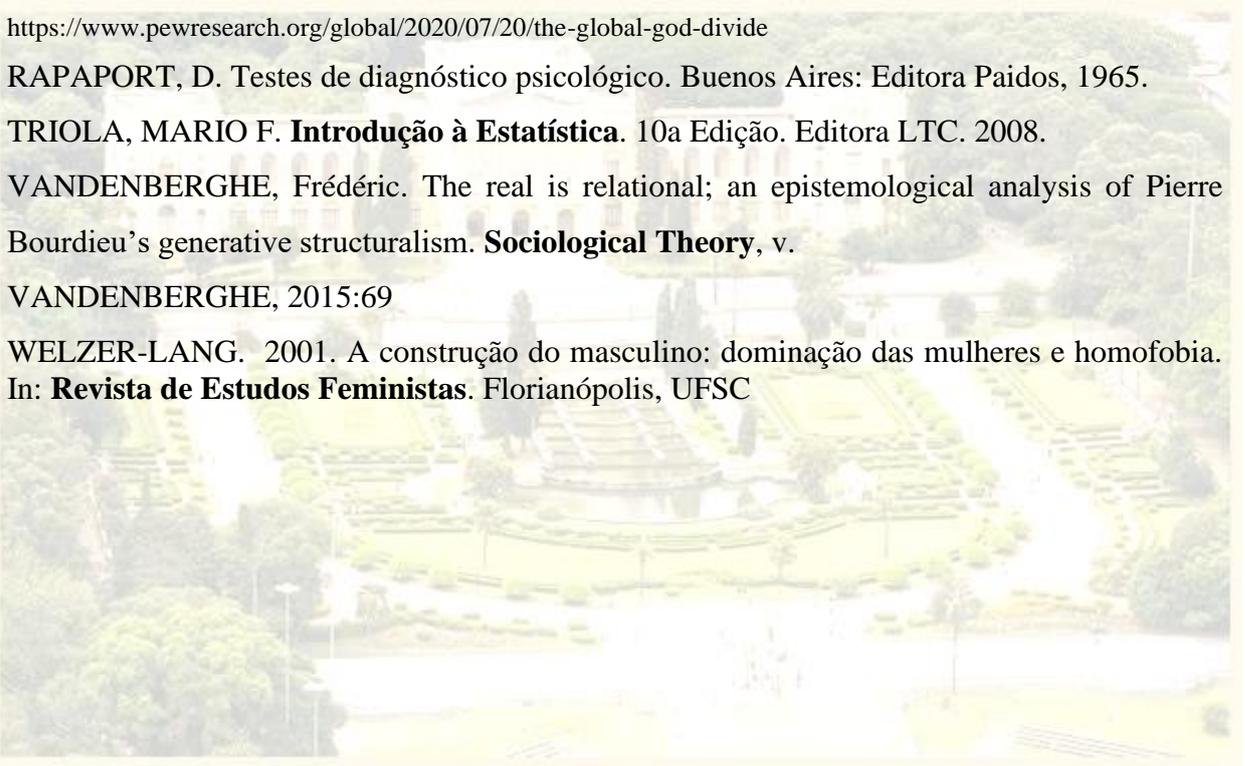
RAPAPORT, D. Testes de diagnóstico psicológico. Buenos Aires: Editora Paidós, 1965.

TRIOLA, MARIO F. **Introdução à Estatística**. 10a Edição. Editora LTC. 2008.

VANDENBERGHE, Frédéric. The real is relational; an epistemological analysis of Pierre Bourdieu's generative structuralism. **Sociological Theory**, v.

VANDENBERGHE, 2015:69

WELZER-LANG. 2001. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, UFSC



All Rights Reserved © Polifonia - Revista Internacional da Academia Paulista de Direito

ISSN da versão impressa: 2236-5796

ISSN da versão digital: 2596-111X

academiapaulistaeditorial@gmail.com/diretoria@apd.org.br

www.apd.org.br



This work is licensed under a [Creative Commons License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)